



Literatura: Diversidade Étnica e outras Questões Indígenas

Literature: Ethnic Diversity and other Indigenous Issues

Graça Graúna¹

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar uma breve reflexão a respeito da relação entre literatura e diversidade étnica. Quando se fala nessa relação, a impressão que se tem é que muitos estudiosos já se debruçaram em torno do assunto. Porém, nunca é demais problematizar noções de diversidade, cultura, resistência e outras questões que suscitam a presente contribuição ao estudo do texto literário indígena. Para tanto, abordamos três histórias que fazem parte da riqueza cultural indígena da América Latina. Para concluir, apresento o poema “Um e muitos juntos”, que eu apresentei no X Encontro de Escritores e Artistas Indígenas, em 2013, no Rio de Janeiro.

Palavras Chaves: Literatura. Diversidade étnica. Resistência.

Abstract: The objective of this paper is to present a brief reflection on the relationship between literature and ethnic diversity. When speaking in this relationship, the impression one gets is that many scholars have pored over the issue. However, it never hurts to question notions of diversity, culture, resistance and other issues of the present contribution to the study of indigenous literary text. To do so, we addressed three stories that are part of the indigenous cultural richness of Latin America. To conclude, I present the poem "One and many together," that I presented at the Tenth Meeting of Indigenous Writers and Artists in 2013, in Rio de Janeiro.

Keywords: Literature. Ethnic diversity. Resistance.

Quando se fala em diversidade étnica e a sua relação com a literatura e outras artes, a impressão que se tem é que muitos estudiosos já se debruçaram em torno do assunto. Se assim parece, por quê e para que, então, insistir no assunto? Ora, o assunto é inesgotável e exige, por isso mesmo, uma leitura das diferenças; até porque essa diversidade é composta de brancos, negros e índios; homens, mulheres, idosos, jovens e crianças; leitores, estudantes, educadores, poetas, narradores, críticos, pesquisadores; sem teto, sem terra, sem escola e outros segmentos sociais.

Neste artigo, o objetivo é abordar as especificidades da literatura ameríndia, isto é, a literatura de autoria indígena nas Américas. Pensemos na troca de conhecimentos, na possível abertura para o diálogo, na aceitação de diferentes pontos de vista; nas

¹ Graça Graúna: filha do povo potiguara (RN). Escritora, educadora universitária na área de literatura junto à UPE, na Graduação e no Proletras. Doutora em Letras pela UFPE e Pós-Doutorado em educação, literatura e direitos indígenas pela UMESP. Líder do Grupec, grupo de pesquisa junto ao CNPq.

diferentes capacidades de olhar o mundo; nos diferentes saberes das sociedades tradicionais que falam também de um mundo feliz para todos. O mito, por exemplo, é um saber profundo; um saber que alimenta diversas culturas e é nesta perspectiva que a presente contribuição ao estudo do texto literário indígena pretende oferecer um pouco da noção acerca de cultura, diversidade, diferença, literatura e resistência, entre outros aspectos.

Em **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais**, a noção de cultura, segundo Thomas Bonnici (2009) pode ser associada aos conceitos de diversidade e diferença cultural: o primeiro refere-se a temas e costumes oriundos de duas culturas. O termo diferença cultural, como observa Bonnici (2009, p. 32), foi desenvolvido pela psicanálise e sugere à conflituosa relação entre colonizado e colonizador. Isto quer dizer também que em meio à atração e à repulsa, a relação entre diferentes povos revela sinais de resistência. Embora não faça referência direta à literatura indígena, Bonnici (2009, p. 339) ressalta que “a partir dos primeiros momentos da colonização até o presente, focaliza-se o tema da resistência em textos da literatura brasileira, africana e caribenha”.

Por meio da contação de histórias e dos cantos (considerados sagrados), melhor se compreende o conceito do saber ancestral. Nesta perspectiva, mito não significa mentira; mito é realidade, como sugere Mircea Eliade (1972). Essa consciência em torno da ancestralidade faz da literatura indígena um exercício do pensamento que pode ser revelado na feitura de um colar, de uma esteira e dos utensílios extraídos do barro; na textura da floresta, na plumagem e no canto dos pássaros; no coaxar dos sapos, anunciando a chuva; na convivência com os animais domésticos; na água, no ar e outros elementos da natureza. Estes são alguns aspectos que compõem a especificidade da literatura indígena. Um bom exemplo vem das narrativas indígenas da América Latina, especificamente de três grupos étnicos situados no México: o povo Kiliwa, o povo Yaqui e o povo Maia.

A respeito desses povos, recebi da Editora FTD o convite para traduzir três narrativas adaptados por Judy Goldman. Trata-se de “O sapo e o deus da chuva”, uma narrativa do povo Yaqui ilustrado por Arno Avilés. “O coelho e a raposa”, ilustrado por Ricardo Peláez, é uma história do povo Kiliwa. “Baak” traz ilustrações de Fabrício Vanden Broeck; é um conto do povo Maia.

Em “O sapo e o deus da chuva”, do povo Yaqui, o cenário inicial mostra o sol escaldante castigando a terra. Não há sinais de chuva. As pessoas da aldeia, incansavelmente, pediam ao deus da chuva para afastá-las de tanto sofrimento, mas o

deus sequer ouvia. Quando o chefe da aldeia anunciou que o povo teria que abandonar o lugar, um mensageiro se apresentou. Qual seria o seu plano?

“O coelho e a raposa” é uma das muitas histórias do povo Kiliwa. Os mais velhos contam que uma raposa muito faminta vivia em um lugar árido, com pedras, cactos e escorpiões. Não gostava de comer gafanhotos porque as pernas dos insetos geralmente ficavam enganchadas em seus dentes. Por sorte, farejou um coelho que não era grande nem gordo, mas era maior do que um rato. A raposa aproximou-se e atacou. Será que o mais forte sempre sai vencedor?

O conto “Baak”, do povo Maia, traz a história de um pequeno deus. Ele vivia com a mãe e os dois raramente tinham o suficiente para comer. Os irmãos que moravam nos arredores, sequer ajudavam; quando muito, atiravam-lhes sobras de comida. Baak queria aprender a caçar, mas os irmãos só zombavam e nunca o ensinavam. Um dia, ao ver a exuberante vegetação da floresta, Baak teve uma ideia que mudou a vida do seu povo.

Essas histórias fazem parte da riqueza cultural dos povos indígenas da América Latina: os Yaqui vivem no Estado de Sonora (México), numa região que faz fronteira com os Estados Unidos; sua população é de aproximadamente trinta e dois mil habitantes. Eles vivem da plantação de trigo e do algodão.

Os Kiliwa são um povo ameaçado de extinção. Sua população é composta de aproximadamente cento e sete indígenas que sobrevivem da agricultura familiar, da caça e da pesca, no Estado da Baixa Califórnia (México).

O povo Maia é a segunda população mais numerosa do México, com aproximadamente um milhão e meio de indígenas. Apesar do grande índice de analfabetismo e desemprego, o povo Maia é grande conhecedor das ervas medicinais; conhece profundamente várias espécies de peixes e mantém as suas tradições. Cabe salientar que essa literatura revela – em sua diversidade - um jeito de ser e de viver dos povos indígenas. O que os diferencia? Quer seja na Cordilheira dos Andes, na Guatemala, no Brasil, no México, na aldeia, no campo, na cidade e em outras partes do mundo, os povos indígenas devem ser vistos como parte de uma sociedade de tradição oral que não perdeu a sua identidade no contato com os valores dominantes. Pensemos na literatura escrita (no espaço virtual ou em papel e tinta); qualquer que seja o seu formato, a literatura é de fato uma necessidade; negá-la é uma forma de mutilar a nossa humanidade, como diria Antonio Candido (1995), no artigo “O direito à literatura”.

Da estreita relação entre literatura e diversidade étnica, sublinhamos: direitos humanos, letramento literário e etnia. O chamado letramento literário, por exemplo, torna mais próximos – por assim dizer – os diferentes mundos de tradição indígena. No Brasil,

o encontro de escritores e artistas indígenas² completou a sua 10ª edição em 2013 com o apoio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), entre outras instituições que buscam fortalecer e ampliar os caminhos da leitura atrelados ao ensino fundamental. A cada ano que passa, os desafios se multiplicam; aos desatentos e àqueles que se vestem de preconceito literário parece estranho que o elo da literatura indígena com a ancestralidade autorize os (as) autores(as) indígenas a confirmarem na arte literária (oral e escrita) o sagrado vínculo com a Mãe Natureza, com a Mãe Terra.

Aos poucos, a literatura indígena no Brasil está saindo da invisibilidade. Essa literatura pode ao mesmo tempo alimentar sua resistência nas favelas ou se fortalecer em meio ao sagrado toré onde quer que aconteça. Fruto da experiência com o barro, com as ervas, com as sementes, com as folhas das palmeiras, com os cantares e os lamentos do mundo animal; com o espírito vigilante dos protetores das matas; com a sofreguidão das árvores decepadas pela serra elétrica; com as aldeias destroçadas pelo agronegócio, a literatura indígena faz parte de um mundo que, infelizmente, muitos desconhecem.

Embora seja também espaço para denunciar a galopante violência contra os povos de diferentes etnias, a literatura indígena é de paz. Porque a palavra indígena sempre existiu, uma de suas especificidades tem tudo a ver com resistência. Então, quem quiser ouvir que ouça também o canto dos guerreiros, o som dos tambores; a voz do vento em sintonia com o voo dos pássaros, o som das águas, o ritmo dos maracás e dos nossos passos na direção do horizonte, como sugere a temática dos encontros, dos fóruns, dos recitais e rodas de conversa no meio indígena.

Quem quiser ver que veja a resistência dos 250 povos indígenas falantes de pelo menos 180 línguas neste Brasil de tantas diversidades. Fazer parte dessa diversidade é vivenciar o aqui e agora em meio aos avanços do Movimento Indígena no Brasil e noutras partes do mundo; um avanço perceptível no campo da Educação e das Artes (Cinema, Literatura, Música, Dança, Teatro, Filosofia, Astronomia, Pintura entre outros saberes); avanço da ciência indígena que por meio da sabedoria ancestral contribui para a construção de um mundo melhor.

² Com o apoio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), da Fundação C&A, do Instituto Brasileiro de Propriedade Intelectual Indígena (Inbrapi), do Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas (Nearin) e de instituições de ensino (público e particular, do fundamental ao superior) a cidade do Rio de Janeiro acolheu o 10º Encontro de Escritores e Artistas Indígenas, em 12 de junho de 2013.

Em aberto, considerações finais

Porque somos um em muitos, estamos aqui, em meio a grandes transformações, confiantes de que sonhando juntos, os nossos sonhos se tornem realidade. Estamos atentos aos horizontes. Qualquer que seja o espaço e o tempo em que os saberes indígenas se manifestem, esse saber revela sua estreita relação com a vida que se vive na aldeia ou na cidade grande a cada dia; seja no meio acadêmico ou na educação do campo.

O espaço e o tempo indígenas podem se revelar também por meio da pintura corporal ou do mergulho nas águas mansas de um igarapé ou até mesmo nas (an)danças de amor e guerra que aprendemos a lidar desde a infância ou nos surpreender também com a barra do dia que norteia o jeito de ser e de viver de cada indígena; a ciência indígena ensina que fazer parte da grande teia da vida é afirmar o reconhecimento aos anciãos; os nossos velhos sábios.

Na travessia, somos um e muitos juntos gerando metamorfoses, buscando horizontes para construir e reconstruir a história, a memória e tudo o que foi arrancado dos povos indígenas ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Das rodas de conversa surgem os Encontros de Literatura (em verso ou em prosa); a cada encontro com a palavra, o indígena mostra para o mundo a luta pela autonomia e não poderia ser diferente, posto que a palavra indígena sempre existiu.

Desse modo, em meio a essa metamorfose e na condição de integrante da construção dessa literatura e por vivenciar essa literatura; peço licença aos ancestrais para intuir o que me vem da imensa floresta de saberes indígenas e reiterar que somos um em muitos como sugere o poema “**Um e muitos juntos**”³, de minha autoria.

I
Na travessia:
amassar o barro
dar tempo ao tempo
curar a panela
beber do pote
a água da chuva
e repartir
o que vem da fonte
o que vem da terra
e as oferendas do mar

II
No caminho de volta

³ Escrevi esse poema em abril de 2013 e o declamei em 12 de junho do mesmo ano no X Encontro de Escritores e Artistas Indígenas, junto ao XV Salão da FNLIJ, no Rio de Janeiro.

no pé da Serra do Mar
vislumbro uma árvore curvada pelo tempo
suas raízes abraçam a terra
e seguem o curso natural das águas
onde mil pássaros alimentam
seu eterno canto

III
Na travessia, só escuto
e vou tecendo o colar
em meio à saudade
da minha aldeia

Bibliografia

BONNICI, Thomas. **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais.**

Maringá/Paraná: Eduem, 2009.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos.** São Paulo: Duas Cidades, 1995, p.169-191.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectiva, 1972.

GOLDMAN, Judy. **Baak:** um conto do povo maia. /Tradução: Graça Graúna/. São Paulo: FTD, 2013.

_____. **O coelho e a raposa:** um conto do povokiliwa. /Tradução: Graça Graúna/. São Paulo: FTD, 2013.

_____. **O sapo e o deus da chuva:** um conto do povoyaqui. /Tradução: Graça Graúna/. São Paulo: FTD, 2013.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

_____, Um e muitos juntos. Disponível em: <http://ggrauna.blogspot.com.br/2013/04/um-e-muitos-juntos.html>. Acesso em: 20.Abr.2013